



Evangelismo Nacional



“Tabernáculo” erguido em Pôrto Alegre, no Rio Grande do Sul, e em que foram realizadas conferências públicas pelo pastor Walter Schubert.

Vêm-se na fotografia, da direita para a esquerda: Pastôres Roberto Azevedo, Aracely Melo, Walter Schubert; missionárias bíblicas: Irma Conrad Huf, Rosa Engel e Pacífica de Oliveira Dutra; pastôres Silas Gianini, Renato Oberg (então presidente da Associação) e João Rabelo.



Tato

NÃO tenteis fazer com que tôdas as pessoas vos sigam o exemplo e apoiem a opinião. Concedei aos outros a oportunidade de demonstrar o êrro, se é que êle existe. Escutar a opinião alheia fortalecerá a vossa confiança e vos dará um forte apoio.

Israel queria um rei, mas o Senhor sabia que isso não seria para o bem dêles. Não obstante, o Senhor atendeu, e concedeu a Israel uma experiência. Foi até ao ponto de procurar-lhes um rei.

Deus permitiu o mal no universo, por saber que, com o tempo, os Seus princípios seriam vencedores.

Os caracteres fortes são sempre mais difíceis de serem tratados, mas conquanto sejam mais difíceis, nunca devemos tratar de livrar-nos dêles. Se vos empenhais muito em mostrar que sois fortes, estais cometendo um êrro grave. Ficareis finalmente rodeados de um grupo de cabeças fracas, que se inclinarão perante vós e vos prestarão homenagem, mas nunca vos serão uma fonte de honra nem de inspiração. Dai aos vossos cobreiros liberdade em vossas reuniões de comissão. Atraí em vosso favor boa disposição, dai-lhes alguma coisa para fazer, e nunca os considereis elementos incômodos, dignos de serem eliminados. Podem êles muitas vêzes ser um auxílio valioso. Não os considereis inimigos nem opositores. Bom é ter caráter forte, mesmo que nem sempre concordem convosco.

Buscai ser justos, compreensivos e tolerantes com êles. Eles adotarão o mesmo espírito. Sêde com êles tal como desejaríeis que fôsseis convosco. Dai-lhes uma oportunidade, e não os desprezeis. Estudai-lhes as peculiaridades, e então ponde-os em lugar onde possam prestar o melhor serviço.

Se revelamos espírito correto, então tudo quanto é indigno e irreformável desaparecerá como a palha diante do vento. — J. F. HUENEGARDT.

Convite Cordial

UMA declaração casual de um de nossos missionários do sul do Pacífico, que nos visitou faz pouco, evidencia um princípio vital no evangelismo. Contava êle alguns dos incidentes que sofrem os que trabalham entre povos primitivos, onde a luz do Evangelho somente agora começa irradiar, e o canibalismo ainda prevalece. Perguntamos:

— Como conseguem os senhores que essa gente

primitiva bandone os hábitos selvagens como o de comer carne humana?

A resposta foi significativa:

— Uma das coisas que temos que levar em conta, ao pregar a essa gente, é nunca mencionar nada a êsse respeito. Nunca expomos uma série de regulamentos relativos ao assunto. O Espírito de Deus chega a ser-lhes mestre e despertar-lhes no coração aborrecimento às coisas que antes amavam.

“Com efeito, vimos que os irmãos põem-se a discutir entre êles êsses assuntos, e às vêzes notamos que não permitem que os que haviam antes seguido essas degradantes práticas pagás entrem na casa de cultos. Surpreendeu-nos ver homens postados à porta dos salões de cultos, para perguntar aos que entravam se haviam comido carne humana ou participado de orgias de carne de porco. Se tal fôsse o caso, dizia-lhes que não podiam entrar. Naturalmente, dissemos-lhes que deixassem essas pessoas entrar, para que também viessem a escutar o Evangelho.

“O Espírito de Deus chega a ser o mestre dessa gente, e não temos que dizer muito nesse sentido. Ao ser tocado o coração, a mente ilumina-se e surge uma barreira contra os hábitos degradantes.”

Um grande princípio fica assente nestas frases. Os pecados mais vis e execrados podem ser vencidos quando o coração atende ao Espírito de Deus. O Espírito Santo é capaz de, em poucos minutos, ensinar mais do que os grandes da Terra em muitos anos.

Foi dito a Isaías que falasse “benignamente a Jerusalém.” (Isa. 40:2.) Ao ser tocado o coração, podemos amoldar vidas, e hábitos que as mantinham em sujeição durante tôda a existência, são quebrantados. Isto não se deve ao raciocínio humano, mas ao poder do Espírito. Ao pregarem os apóstolos, os corações eram quebrantados.

Se queremos ser mais eficientes na pregação da verdade, apelemos para o coração, em vez de fazê-lo à mente. Nisto consiste o poder do ministério de verdadeiro êxito. O Evangelho é “o poder [dunamis, raiz da palavra dinamite] de Deus para salvação de todo aquêle que crê.” — Roy A. Anderson.

A Conduta do Bom Cidadão

O PRIMEIRO cuidado do homem deve ser o evitar as repreensões de sua própria consciência; o segundo, o de escapar às censuras do mundo. Se o último interfere com o primeiro, deve ser pôsto completamente de parte, mas por outro lado, não pode haver maior satisfação para um espírito honesto, do que ver as aprovações que se dá a si próprio: uma pessoa está mais certa do seu procedimento quando o veredito que dá a si própria é assim garantido e confirmado por todos os que a conhecem — Joseph Addison.



Órgão publicado bimestralmente pela
Associação Ministerial da Igreja Adventista do
Sétimo Dia

Editado pela

Casa Publicadora Brasileira
Santo André, São Paulo

Gerente — **Bernardo E. Schuenemann**

Redator responsável — **Luiz Waldvogel**

Redator associado — **Rafael de A. Butler**

Colaborador especial:

Walter E. Murray

ILUSTRAÇÕES

GRAÇA ABUNDANTE — Uma criança muito fraca foi levada a um hospital de Londres para ser tratada, e, ao lá chegar, a enfermeira lhe serviu um copo de leite. Antes de levar o copo aos lábios, perguntou, ansioso, o garotinho: “Quanto posso beber, senhorita?”

Quanto revela essa pergunta da pobreza de um lar em que um copo tinha que ser repartido entre muitos! Mal pôde ele acreditar na enfermeira, ao dizer-lhe ela que podia beber tudo.

Quanto podemos nós beber em nossa sêde de justiça! Deus nos criou para a justiça: estaremos repletos e, portanto, abençoados. — *Teacher's Guide*.

MAIS POR VIR — Uma pessoa caridosa deu a Rowland Hill cem libras esterlinas para auxiliar um ministro pobre. Considerando ser uma importância avultada demais para ser enviada de uma só vez, Hill envelopou cinco libras, acompanhadas apenas das palavras: “Mais por vir.”

Dentro de poucos dias o bom homem recebeu outro envelope pelo correio — e as cartas de recebo eram raridades naqueles tempos — o qual continha outras cinco libras, com os mesmos dizeres: “E mais por vir.” Uns dois dias mais tarde, chegaram-lhe o terceiro e o quarto envelopes, sempre com a mesma promessa: “E mais por vir.” Até que toda a soma houvesse sido recebida, o atônito ministro estava familiarizado com as animadoras palavras: “E mais por vir.”

Tôdas as bênçãos prodigalizadas por Deus são nos enviadas com essas mesmas palavras: “E mais por vir.” Perdoe-te os pecados, mas ainda há mais por vir.” “Educo-te para o Céu, mas ainda há mais por vir.” “Concedo-te graça sobre graça, mas ainda há mais por vir.” “Ajudei-te até à velhice, mas ainda há mais por vir.” “Amparar-te-ei na hora da morte, ... e quando chegares ao mundo novo, ainda haverá ‘mais por vir.’” — *Charles H. Spurgeon*.

O Poder da Inveja

OSCAR WILDE conta a seguinte história: Atravessava o diabo, certa vez, o deserto da Líbia, quando se encontrou com um grupo de pessoas que se ocupavam em atormentar um ermitão. Este se mantinha inalterável, em meio a suas dores e sofrimentos.

Por fim, depois de verificar o fracasso dos atormentadores, disse o diabo:

— O que fazeis é muito néscio. Permitti-me experimentar um momento, para ver se posso fazê-lo pecar.

E murmurou ao ouvido do homem, estas palavras:

“Teu irmão foi nomeado bispo de Alexandria.” Um gesto maligno de inveja nublou imediatamente o semblante até então sereno do ermitão.

— Este é um dos meios mais eficazes de tentar os ministros de Deus — disse o diabo. — Eu vo-lo recomendo. — *Pastor's Wife*.



ANO 21 N.º 4

DE CORAÇÃO A CORAÇÃO

Tato	2
Convite Cordial	2
A Conduta do Bom Cidadão	2

ILUSTRAÇÕES

Graça Abundante	3
O Poder da Inveja	3

ARTIGOS GERAIS

Conjugação de Esforços na Vida — Cap. VII — Conservemos a Consciência Tranquila	4
Vocação, Obra e Responsabilidade Pastorais — Parte I	6
Cronologia de Esdras 7 — I	9

CONSELHOS DO ESPÍRITO DE PROFECIA

A Influência do Regime Alimentar — Parte I — A Alimentação e a Saúde Física	11
---	----

OBRA PASTORAL

“O que Fazes, Fá-lo Depressa”	15
Consagração	17

ESTUDOS BÍBLICOS

A Lei e a Graça	18
---------------------------	----

CAIXA DE PERGUNTAS

A Mudança Foi Feita Há Muito Tempo	19
--	----

NOTAS E NOTÍCIAS

ARTIGOS GERAIS

Conjugação de Esforços na Vida

ARTUR L. BIETZ

(Membro da Associação Médica Americana de Psicologia, Professor de Cristianismo Aplicado, no Colégio de Evangelistas Médicos, Pastor da Igreja White Memorial)

CAPÍTULO VII

Conservemos a Consciência Tranquila

A CAUSA mais comum do nervosismo é a consciência culpável e um esforço para justificar má conduta ou incorretos anelos anteriores. Diversos males comumente atribuídos ao sistema nervoso, em realidade têm sua origem em um íntimo sentimento de culpabilidade e, conseqüentemente, de ansiedade. A consciência culpável pode privar o homem de toda a paz e quietude, ao mesmo tempo em que aguilhoa e molesta dia e noite. Apresentar-se-á nos momentos mais inoportunos para perturbar-lhe em ocasiões de alegria, deixando sua vítima indefesa e temerosa. Encerram muita verdade as palavras de Matthew Arnold, em *Tristão e Isolda*:

“Há em seu peito um segredo
Que nunca lhe permitirá descansar”.

A mente cumulada de culpabilidade está cheia de escorpiões; de um fato culpável podem surgir mil pensamentos obscuros. Pode o homem suportar melhor todas as durezas do mundo, do que sofrer uma dolorosa sensação interior de culpabilidade. Assim como a ferrugem carcome o ferro e o destrói, o sentimento de culpabilidade corrói o coração até destruí-lo. Nossos pecados não confessados nos perseguem como fantasmas em cada encruzilhada do caminho. A consciência é uma sentinela sempre alerta, sempre pronta para ferir; parece-se a um cão de guarda interior, um policial, um fiscal, um jurado, um juiz; e até atua como executor.

Enquanto desfrutam de boa saúde, algumas pessoas parecem desenvolver-se bastante bem para manter calada a voz da consciência; chega, porém, a enfermidade, e a consciência que havia sido mantida em sujeição, começa a torturá-las sem misericórdia. Fui chamado recentemente junto ao leito de um ancião que estava prestes a morrer. Mandara-me êle dizer que precisava ver-me imediatamente. Uma vez ao seu lado, contou-me longa história de pecados que cometera na juventude, os quais jamais confessara. Necessitava revelar o que havia mantido oculto durante quase a vida inteira. A confissão proporcionou-lhe um alívio que houvera podido experimentar cinquenta anos antes.

Quem comete pecado, está em luta com Deus, com o universo e consigo mesmo. Põe sobre os

ombros um fardo pesado e deprimente. Amiúde não se compreende que a maior culpabilidade não provém das ações externas, mas dos sentimentos interiores e dos desejos contrários aos ideais que sustentamos. Ao chocarem-se os ideais do homem com seus desejos, experimenta êle um desequilíbrio emocional; não pode manter tranquilidade, e falta-lhe o ânimo que brota de um coração limpo e de uma intenção reta. A consciência turbada é uma das fontes mais prolíferas dos complexos de inferioridade e de indignidade interior.

Naturalmente, ao erigir-se uma muralha entre os ideais e o procedimento, de maneira que ambos se mantenham separados, não é provável que surjam sentimentos de culpabilidade. É possível manter alta norma de moral para outros e sentir indignação justa contra quem a viole, e ao mesmo tempo não aplicar a nós mesmos êsse código.

Se os preceitos morais da pessoa se modificam ou se desculpam de forma tal que já não mais molestem, então podem cometer-se atos abomináveis sem sentir diminuída a própria estima.

“O vício é um monstro de tão terrível aspecto
Que para odiá-lo, tão somente é necessário vê-lo;
Porém, se o contemplamos com muita freqüência,
familiarizando-nos com seu rosto,

Primeiro o suportamos, depois, dêle nos compadecemos, depois o abraçamos”. — Alexandre Pope, *Essay on Man*.

O homem comum, entretanto, tem sensibilidades morais que se indignam quando seu procedimento está em pugna com elas. E-lhe impossível sentir respeito próprio se sua consciência foi ofendida.

Aliada à culpa que surge por motivo de um desejo profundamente arraigado de cometer ações contrárias aos sentimentos da própria pessoa, está a discrepância entre o ideal proposto e os fatos reais. Em casos tais existe preocupação de uma deficiência pessoal e um sentimento de culpa porque o que a pessoa deseja não pode alcançar. O espaço que se abre entre o que a pessoa deseja ser e o que em realidade é, gera sentimentos de culpabilidade.

As pessoas possuidoras de um sentimento de culpabilidade sentir-se-ão amiúde aliviadas se têm alguma adversidade, como perder uma fortuna ou

sofrer um acidente. A observação desta reação, e também o fato de que algumas vezes a pessoa culpada favorece circunstâncias adversas que a ajudarão a aliviar sua consciência, induz-nos a crer que se sente acusada tão vigorosamente que, a fim de conseguir alívio, tem necessidade do castigo. Alguns podem tentar confessar crimes que nunca cometeram, na esperança de serem castigados e aliviar assim um forte senso de condenação pessoal. Assim como uma criança encontra alívio, pois se é castigada por seu mau procedimento sente-se aliviada do sentimento de culpa, o adulto busca circunstâncias adversas que o relevem de sua culpa. As circunstâncias afortunadas fazem que o culpado se sinta ainda mais infortunado, já que sabe que não pode delas desfrutar com justiça.

Ao falarmos da consciência, devemos distinguir entre a que é *sã* e a que o não é. Aquela insiste em que façamos o que sabemos ser correto, mas esta não o sabe automaticamente. A consciência não educada pode ser algo perigoso. Quanto à sua forma, uma consciência pode ser considerada perfeita; mas por seu conteúdo, pode estar em constante necessidade de educação e direção. A pessoa pode ter consciência infantil ou madura, o que dependerá de seu conteúdo. Aprovar sem discriminação um procedimento consciencioso pode ser muito perigoso. Muitos se afligem até desintegrar-se totalmente, sobre assuntos que não têm importância moral alguma, e outros têm consciência tão obtusa que se permitem qualquer coisa. A consciência pode ser volúvel; pode variar desde a excessiva sensibilidade até à dureza e à resistência. Uma consciência madura pode induzir o homem à santidade, mas a consciência calejada, mal-formada, pode induzir ao engano e à enfermidade mental. A Escritura nos insta a estudar de tal sorte que a consciência possa estar sob a direção da verdade e da justiça.

Alguns dos maiores crimes da História foram cometidos por homens conscienciosos. A inquisição é um exemplo disto. Jesus declarou que existiriam pessoas que matariam pensando fazer um serviço a Deus. Pessoas conscienciosas, no passado, sacrificaram os próprios filhos, crendo que com isso agradavam a Deus. Os homens mais cruéis são os conscienciosamente cruéis. A História testifica as atrocidades que cometeram. Não é suficiente ser consciencioso; os homens devem procurar pôr a sua consciência em harmonia com a verdade, tal como se acha revelada no caráter de Deus.

Um exemplo de consciência não iluminada, que provoca irregularidades físicas, achamo-lo no caso de Tessa, menina italiana, que se sentiu abatida e manifestou uma contração nervosa peculiar. Cada poucos minutos se mordida o lábio inferior; dentro em pouco este, avolumando-se para a frente quase um centímetro, tomou aspecto vermelho repulsivo. A mãe de Tessa explicou que sua filha começara a proceder de maneira estranha desde certa ocasião em que lhe fôra permitido assistir a uma reunião social, a cujo comparecimento a mãe se opusera. Depois de muita insistência, a mãe consentira, sob a condição de que Tessa se portasse como boa menina. O que aconteceu a Tessa, confessado com lágrimas, foi que um dos jovens a beijou sonoramente e, para pior, isso lhe agradou a ela. A ninguém falou do ocorrido. Não se atrevia a dizê-lo à mãe, temerosa de que a pusesse na rua. Daí o seu sentimento de culpa, agravado por uma mãe

severa e cruel, o que, acrescido à nova experiência, motivou essa reação física. Falou-se do assunto com Tessa, em presença da mãe e de um conselheiro bondoso, e a contração nervosa desapareceu. Certo médico comprovou que de cem casos de artrite e colite, sessenta e oito por cento são devidos a um sentimento oculto de culpabilidade. O pecado reside primariamente na mente, mas secundariamente, em cada nervo, célula e fibra do ser e em cada recanto do cérebro.

O enfermar uma pessoa fisicamente, por sentimentos de culpa, depende em grande medida do grau de culpabilidade e de sua sensibilidade. Uns buscam sofrer o castigo com uma dor de estômago e uma operação, ao passo que outros furtarão numa loja para logo se fazerem prender. As vezes a culpa conduz a distúrbios emocionais e à manifestação de uma hostilidade extrema. A reação específica depende da personalidade básica individual.

Uma consciência atribulada e um sentimento de culpabilidade sempre revelam mente perturbada. Uma pessoa tal se queixa de sentir-se deprimida — e o demonstra — pois até o seu porte e a maneira de caminhar sugerem depressão. A insônia é um sintoma freqüente de consciência culpada e muitos dos que tomam pílulas para dormir deveriam ajoelhar-se perante Deus para confessar seus pecados. Uma pessoa em guerra consigo mesma jamais poderá ser feliz, porque a felicidade significa a ação conjunta de todas as funções da vida humana. Uma consciência tranqüila revela uma feliz integração da personalidade e uma ordenada higiene mental com recursos eficazes para enfrentar os problemas da vida. Quer a culpabilidade deixe marcas físicas ou não, sempre está destinada a solapar o vigor do esforço mental, ao ter que prestar atenção a um reclamo rival, quando o trabalho deveria receber toda a atenção. Dificuldades no comportamento e notas baixas nos estudos, andam geralmente de mãos dadas. É um círculo vicioso: um sentimento de fracasso, acrescenta o sentimento de culpabilidade, e este, por sua vez, engendra mais fracasso. A consciência de que a pessoa fracassou em sua relação com os seres humanos ou com Deus, cria tal impotência que decepa as raízes das faculdades motrizes, e deixa a vítima em condição lastimosa.

A culpabilidade produz, também, sentimento de separação e de solidão, que se reflete tanto social como religiosamente. Quem cometeu uma falta começa por suspeitar de que outros o saibam também, e torna-se exclusivista e misterioso. Pensa que seus amigos não mais confiam nêle, porque êle próprio não confia em si mesmo. Antes de arriscar-se a que lhe lancem em rosto a sua culpa, evita seus contatos sociais e, justamente quando mais dela necessita, foge da ajuda que lhe poderiam prestar os amigos.

O sentimento de culpa em uma pessoa religiosa diminuiu-lhe o desejo de aproximar-se de Deus; corrói as raízes da oração e deixa-lhe um sentimento de solidão. Há um círculo vicioso que lhe intensifica o infortúnio. Ao sentir-se separada de Deus por sua própria indignidade, a pessoa culpada está menos capacitada para encontrar a resposta de Deus, que a livraria da opressão. Se reunimos num feixe todas as consequências da culpabilidade: ansiedade, enfermidade física, remorso, redução de incentivos para um esforço construtivo, separação de toda companhia humana e divina, então, como resultado único obteremos distúrbios mentais, emo-

cionais, espirituais, e físicos de magnitude tal que uma pessoa nessas condições, ou recebe ajuda ou perece.

Nenhum ser humano pode sentir-se satisfeito se reina desassossêgo em seu coração. Se uma substância estranha e não assimilável penetra no ôlho, êste, com lágrimas e dor, exigirá que seja eliminada. O mesmo acontece com a consciência. Ela pede que confessemos os pecados. É mais grave encobrir os pecados que encobrir uma enfermidade física. Um pecado secreto converter-se-á em uma tentação para pecar mais, ou, pelo remorso, desbaratará nossos esforços morais, e induzir-nos-á a exclamar: "Não vale a pena!"

"Minha língua falará da ira de meu coração;
De outra maneira, ao ocultá-lo, se quebrantaria meu coração;

E antes que isso aconteça, mesmo à custa do extremo,

Libertar-me-ei, como desejo, com palavras". — *Shakespeare.*

Bem sabemos que há escrúpulo extremo em algumas pessoas que sofrem de culpabilidade imaginária quando estão sob uma tensão nervosa ou se sentem deprimidas. Tanto perigo há nesse extremo quanto no verdadeiro sentimento de culpabilidade, se mutila ou menoscaba a capacidade e a influência de um obreiro cristão.

Em uma análise final, a causa central do fracasso emocional e mental que nos aflige, reside na tendência de ocultar de Deus o que não pode ser ocultado da própria pessoa.

Vocação, Obra e Responsabilidade Pastorais — I

Por R. R. BIETZ

(Presidente da Associação do Sul da Califórnia,
E.U.A.)

O CHAMADO para o ministério é sagrado, e não é mais uma profissão. Em *Obreiros Evangélicos*, lemos:

"O ministro, sendo coobreiro de Cristo, terá profundo sentimento da santidade de sua obra, e da lida e sacrifício exigidos para realizá-la com êxito... O verdadeiro ministro não fará coisa alguma que venha a amesquinhar seu sagrado ofício. Será circunspecto em seu comportamento, e prudente em toda a sua maneira de agir. Trabalhará como Cristo trabalhava; procederá como procedeu Cristo." — *Págs. 13-15.*

Todos aqueles cujos nomes figuram na lista de pagamento da Associação, têm a sagrada responsabilidade de viver corretamente e de trabalhar para Deus. Woodrow Wilson, ex-presidente dos Estados Unidos, disse o seguinte: "Não se necessita de coisa alguma especial para ser advogado. Eu o sou e por isso o sei. Não se necessita de nada especial nem de experimentar mudança alguma espiritual profunda para ser comerciante. A única profissão que implica que sejamos alguma coisa é o ministério de nosso Senhor e Salvador... E não consiste em nada mais. Manifesta-se de muitas maneiras, mas não consiste em outra coisa."

Uma vez que tenhamos experimentado o chamado, não devemos vacilar em ser os emissários de Deus. Não devemos vacilar nem duvidar de que Deus nos tenha chamado. Nem sequer devemos permitir indícios disso em nossa vida. Tampouco este sentimento deve induzir-nos a vangloriar-nos. Isso seria prova de não havermos sido chamados. Podemos confiar e prosseguir sendo humildes. Como disse alguém: "Então se caminha com passo firme, andar seguro e olhar confiante, com o que se manifesta que o ministério é uma delícia, não importa o que sobrevenha ou deixe de sobrevir."

Nossa Obra

Ao olhar para o futuro devemos fazê-lo com propósito definido. Temos uma tarefa que realizar. Devemos fazer planos e trabalhar para terminá-la. Para ter êxito, toda igreja, toda Associação deve lançar um olhar para diante. Não somente deverão traçar-se planos, mas também executá-los. Não devemos somente esperar fazer alguma coisa, mas fazê-la.

Todo pastor deve ter um programa em desenvolvimento contínuo. Ninguém que tome a sério o seu chamado, se satisfará com um programa estático. Não importa que métodos sigamos, contanto que nosso programa seja produtivo. Todo obreiro deve ter propósitos definidos. Nunca glorifica a causa de Deus quem só tem o desejo de correr e não sabe em que direção fazê-lo. Aimaas não se preocupava de que sua atividade tivesse algum propósito; a única coisa que o preocupava era estar ativo.

O pastorado é o cargo mais importante na hierarquia dos obreiros da denominação. Reduzido à sua expressão mínima, o programa do pastor consiste em dois grandes propósitos. Foram estabelecidos por Cristo. O primeiro deles figura em S. João 17: 12: "Tenho guardado aqueles que Tu Me deste, e nenhum deles se perdeu; senão o filho da perdição, para que a Escritura se cumprisse."

Descobrimos aí um programa evangélico que se concentra nas ovelhas do rebanho. É um programa de doutrinação: de edificação da saúde espiritual das ovelhas. Todo departamento da igreja deve ter um programa que alimente e edifique espiritualmente os membros. O pastor está à testa de todo esse programa de evangelismo dentro da igreja.

A segunda espécie de evangelismo é mencionada por Jesus em São João 10:16: "Ainda tenho ou-

tras ovelhas que não são dêste aprisco; também Me convém agregar estas, e elas ouvirão a Minha voz, e haverá um rebanho e um Pastor". Para buscar as ovelhas de fora precisamos da ajuda das de dentro. As ovelhas de dentro deverão estar sãs porque, ao contrário, prestarão pouco auxílio para encontrar as de fora.

Em tôda igreja deveria haver um vigoroso programa missionário. Nunca deveríamos dar por terminada a tarefa sem que consigamos que os membros trabalhem em favor dos que não o são. Todo esforço realizado em favor do público, ainda que difícil, produzirá nova vida se os membros com êle cooperam. Sempre deveria haver um programa evangélico em favor das ovelhas que não são do redil, embora não seja justamente evangelismo público.

Nossa Pregação

De quando em quando recebemos um chamado telefônico em que nos é perguntado: "Por que não ouvimos mais falar da mensagem?" Muitas vêzes êsses telefonemas procedem de pessoas que crêm que pregar a mensagem consista em atacar violentamente outra igreja. As queixas procedentes de tais pessoas me preocuparam muito. Não obstante, é importante que nos perguntemos: "Dou eu à minha congregação as verdades para esta hora?" Creio que às vêzes fracassamos na espécie de sermão que pregamos. Nossos sermões deveriam estar sempre alicerçados sôbre a segura Palavra de Deus. Ela deve ser o nosso texto único. Devemos estudá-la mais cabal e profundamente.

Os sermões são mais que recapitulações de recortes de jornais, são mais do que listas de estatísticas, mais do que artigos lidos em algum jornal religioso e mais do que citações do Espírito de profecia; os sermões devem surgir das mais profundas convicções. Estas crescem no coração do pregador, graças ao estudo consagrado, à vida pia, à oração e à meditação, e ao contato real com as situações da vida. Duvido do quanto necessitam as nossas congregações de muitas dissertações sôbre problemas sociais, ou ensaios relativos à situação religiosa do mundo. Duvido que estejam demasiado interessados nas declarações dos eruditos, dos homens de reputação e nomeada. Duvido que creiam que nós ou qualquer outra pessoa saiba muito acêrca da situação política do mundo. O que creio — isso sim — entretanto, é que nossos irmãos e as pessoas que não pertencem à nossa igreja, querem saber o que Deus pensa. Desejam êles que se lhes diga, de forma enfática, o que Deus diz em Sua Palavra. Não há satisfação perdurável em nada, além disso. O Dr. Ralph Sockman, pastor metodista da Igreja de Cristo, da cidade de Nova York, declara:

"A função docente do ministério deve ser compreendida e reafirmada se queremos dissipar a ignorância crassa de nosso tempo. Estes esforços significam que usaremos mais nossa Bíblia. Muitos jovens parece que temem empregar a Bíblia no púlpito . . .

"Precisa-se de um reavivamento da pregação, que exponha a Palavra . . . O pregador doutrinário que toma os ensinamentos eternos e os apresenta de novo à congregação em forma viva, assemelha-se à lava incandescente que procede de uma fonte que está situada mais distante que a luz." — *Best Sermons*, págs. 14 e 15, ed. 1946.

Em todo o sentido nós, como pastôres adventistas,

devemos descobrir a forma de tomar nossas grandes verdades proféticas e doutrinárias e infundir. A mera teoria só é o esqueleto da verdade profética e nunca atrairá às fontes de água viva as almas lhes vida, dinamismo e poder de salvar as almas sedentas. O pregador que alimenta com a mensagem da Bíblia sua mente e sua alma, nunca precisa preocupar-se durante a semana perguntando-se que orientação dar ao tema que apresentará no sermão do sábadô.

O pastor deveria melhorar continuamente sua capacidade mental.

"Nunca penseis que já aprendestes o suficiente, e que podeis afrouxar agora vossos esforços. O espírito culto é a medida do homem. Vossa educação deve continuar através da vida inteira; deveis aprender todos os dias, e pôr em prática os conhecimentos adquiridos." — *A Ciência do Bom Viver*, pág. 446.

Nem todos podemos ir a um seminário. Não obstante, todos podemos estudar. O título ou o diploma têm pouca significação, a menos que a mente progrida em forma contínua. Há perigo de que descuidemos o estudo no altar das reuniões de comissões. O pastor não pode permitir que isto aconteça. Se devesse escolher entre ambas as atividades, haveria de decidir-se pelo estudo. Raras vêzes os sermões surgem nas reuniões de comissões.

Nossas Finanças

Em I Tim. 3 lemos que a vida do bispo deve ser "irrepreensível, . . . não cobiçoso de torpe ganância, . . . que tenha bom testemunho dos que estão de fora." O pastor deve ter boa reputação. Demasiados há que têm desacreditado o ministério por seu descuido em assuntos financeiros. Conquanto seja melhor não ter dívidas, o estado atual da economia justifica que alguém tenha dívida de quando em quando. Se compramos a prazo, cuidemos de controlar de maneira tal o pagamento das prestações que nunca nem a sombra de uma dívida nos obscureça o crédito. Melhor é seguir vivendo sem certas coisas, do que comprá-las e não poder pagá-las depois. Pelo pagamento a prestações podemos fortalecer nosso crédito ou arruiná-lo completamente.

Pode apresentar-se a ocasião em que um pastor deva pedir dinheiro emprestado. Melhor é que o não peça aos irmãos. Melhor é não dever aos membros da igreja nada além da obrigação de pregar a Palavra, repreender e exortar. Um membro que lhe empresta dinheiro crerá, na maioria dos casos, que lhe fez um grande favor. Se é necessário pedir dinheiro emprestado, recorra-se a um Banco, instituição que precisamente desenvolve suas atividades nesse ramo.

Todos os obreiros devem ser honestos e fiéis na entrega dos dízimos e ofertas. Eu soube de obreiros que descuidavam o pagamento de seus dízimos por muito tempo. Como podemos ser exemplo se mostramos êsse descuido? Quem demora a cumprir suas obrigações com o Senhor, cedo ou tarde se encontrará fora da causa de Deus.

Ao manusear fundos da obra, o pastor deve pôr grande cuidado. Esse dinheiro deve ser considerado sagrado. Deve êle prestar contas de todo cruzeiro que receba. Para cada gasto deve haver um comprovante. Isso é necessário para proteção própria e para facilitar o trabalho do revisor de contas.

Nenhum obreiro deve dispor dos fundos evangélicos e empregá-los para suas próprias necessidades. Chegar à conclusão de que podemos pagar-nos uma espécie de reforço de salário, por nossa própria conta, pelo tempo que trabalhamos a mais, é um raciocínio falso. Todos trabalhamos horas extras e a ninguém se nos paga por isso. Nossa consciência deve ser sensível nesses assuntos.

Casos há em que certos obreiros inexperientes pedem ao tesoureiro da igreja que transfira determinados fundos. O tesoureiro da igreja não tem a obrigação de transferir nenhum fundo sem ter a autorização de um voto da comissão. Com efeito, se o faz, desqualifica-se para o cumprimento da função para que foi eleito. Só um obreiro falto de moral poderia levar um tesoureiro de igreja a uma situação tão embaraçosa.

Trabalho ou Atividades Extras

De quando em quando ouvimos falar de um obreiro a quem parece conveniente, do ponto de vista financeiro, dedicar-se a algum trabalho ou atividade fora da obra. Foram os pastôres acusados de vender tudo, desde automóveis até terrenos, e desde lâminas de barbear até mel e pilulas vitamínicas. Muitas dessas acusações são totalmente falsas. Alguns, entretanto, transgrediram os princípios e, devido ao seu procedimento pouco discreto, deram margem a que as pessoas nos ponham a todos na mesma categoria. Uma imprudência da parte de um pastor pode suscitar a suspeita quanto a todos os demais. Deve ser guardada zelosamente a reputação dos pastôres.

“Os ministros não podem ter os encargos da obra, estando ao mesmo tempo a fazer face aos de fazendas ou outras empresas comerciais, tendo o coração em seu tesouro terrestre. Seu discernimento espiritual é obscurecido”. — *Obreiros Evangélicos*, pág. 337.

“Os pastôres não devem ter interesses à parte da grande obra de conduzir almas à verdade. Tôdas as energias são necessárias para isso. Não devem dedicar-se a comerciar, a mascatear, nem a negócio algum além desta grande obra.” — *Testimonies*, Vol. I, pág. 470.

Juntamente com estas declarações há outra em que a comissão da Associação deveria meditar:

“Não devem dedicar-se a empresas mundanas porque isto os impede de dedicar suas melhores faculdades às coisas espirituais. *Mas devem receber salário suficiente para sustentar-se a si próprios e a sua família*”. — *Idem*, Vol. VII, pág. 250 (*Grifo nosso*).

Creio que na maior parte dos casos, os obreiros de nossas Associações estão bem cuidados. Ao tomarmos em consideração os auxílios que recebemos, devemos reconhecer que nosso salário é bastante bom. Se há alguns, entretanto, que passam por

dificuldades financeiras, devem êles aconselhar-se com os administradores da Associação.

Aceitação de Presentes

Suponho que nenhum de nós deveria ter escrúpulos de consciência pelo recebimento de algum presente, sobretudo se êsse não fôr inspirado por algum motivo ulterior. Um obséquio pode ser uma verdadeira bênção, tanto para o doador quanto para o receptor, se procede de um coração que deseja expressar apreciação sincera. Tal pessoa não espera favor algum como compensação. Paulo recebeu um obséquio dos filipenses: “Porque também uma e outra vez me mandastes o necessário a Tessalônica. Não que procure dádivas, mas procuro o fruto que abunde para a vossa conta.” (Fil. 4:16 e 17.)

Há, porém, outra espécie de presentes cuja aceitação é imoral por demais. Alguns pastôres causam deliberadamente a impressão perante os irmãos de que recebem pouco salário: suas mãos estão sempre abertas e estendidas para receber proveitos pessoais. Tal conduta da parte do obreiro não está em harmonia com a ética, e revela um coração egoísta. Devido ao respeito que as pessoas têm pelo seu cargo, o pastor pode converter-se em um parasita que explora as emoções daqueles que mais respeitam o seu cargo. Pode literalmente encher de dinheiro os bolsos. Lembremo-nos, porém, de que cedo a congregação lhe porá um número e, em geral, êsse é o número “13”. Começarão as críticas, perder-se-á a confiança, e a Associação terá preparada a peneira para sacudi-lo.

As vêzes as congregações costumam retirar uma oferta para os obreiros. Pode ser que a chamem “oferta de amor.” Tais planos podem ser impedidos pelo obreiro, se assim o deseja. Não obstante, se a oferta foi tomada, será fácil ao obreiro expressar sincero apreço pela preocupação da congregação, e dedicar todo o seu montante a um projeto digno. O equipamento necessário para realizar obra evangélica pode ser um projeto bom. É necessário, entretanto, manter a confiança da congregação; com o tempo, porém, o prestígio do obreiro consolidar-se-á devido ao espírito isento de egoísmo que manifestou.

“O interesse egoísta deve desaparecer na profunda ansiedade pela salvação das almas. Alguns ministros trabalharam, não por não poderem agir de outra maneira, não por haver sobre êles um ai, mas tendo em vista a recompensa que iriam receber...”

“Inteiramente errôneo é fazer-se pagar por cada recado feito em prol do Senhor. ... *Se os ministros se dedicam cabalmente à obra de Deus, e dedicam as energias à edificação de Sua obra, nada lhes faltará*”. — *Idem*, Vol. II, págs. 344 e 345 (*Grifo nosso*).

(continua.)



A Cronologia de Esdras 7 -- I

Por S. H. HORN e L. H. WOOD

INTRODUÇÃO

O PROPÓSITO deste estudo consiste em examinar a base cronológica da profecia dos 2.300 dias, de Daniel 8:14. Nós, os adventistas, há já mais de cem anos, demos um lugar importante à profecia da purificação do santuário no tempo do fim (Dan. 8:14 e 17), depois dos 2.300 dias proféticos. Identificámos o ponto de partida deste período profético com o começo das setenta semanas (Dan. 9:24-27), por ocasião da "saída do decreto para restaurar e reedificar Jerusalém," e muitos expositores bíblicos anteriores situaram este acontecimento na época de Esdras, que viajou de Babilônia para a Palestina "no ano sétimo do rei Artaxerxes" (Esd. 7:7), acontecimento que, durante muito tempo, a maioria dos expositores bíblicos fixou no ano 457 A. C.

Calculou-se haver sido o outono do ano 457 A. C. o momento em que esse decreto de Esdras adquiriu validade, e daí ser ele considerado o ponto de partida dos 2.300 anos. Os adventistas receberam como herança, por assim dizê-lo, as datas (embora não a interpretação dos acontecimentos finais) da interpretação que da profecia dos 2.300 dias fizeram os mileritas e outros antigos expositores, e prosseguiram empregando-as.

Desde então, porém, especialmente nas últimas décadas, fizeram-se notáveis progressos no conhecimento da história antiga. Exumaram-se milhares de documentos originais, muitos dos quais dão testemunho das narrações históricas das Escrituras, e lançam luz sobre a cronologia bíblica. Documentos comerciais datados, tais como contratos, acontecimentos, recibos, etc., escritos em ladrilhos de barro, em Babilônia, em papiro, no Egito, deram-nos um conhecimento muito mais exato dos antigos calendários e sistemas de cômputo. Como resultado de tudo isto, foram esclarecidos muitos pontos incertos da cronologia.

Pôsto que os fundamentos históricos e cronológicos para explicar as datas empregadas em relação com as profecias provinham de antigas fontes, que constituíam norma em sua época, mas que hoje são completamente anacrônicas devido aos novos descobrimentos, tornou-se necessário examinar os documentos antigos disponíveis atualmente, que podem lançar luz sobre a história e a cronologia da Bíblia, a fim de obter o benefício de uma informação mais atualizada e digna de confiança.

Este estudo tem relação com o exame da data fundamental do período dos 2.300 dias; o que equivale a dizer, do ano 457 A. C., mas à luz destas novas provas. Os comentários bíblicos e as obras da história antiga mais usadas, que datam o regresso de Esdras de Babilônia, apresentam o ano 458, em lugar da data 457 A. C. O propósito deste trabalho consiste em expor os resultados da investigação que demonstram que a data que fixámos para este acontecimento é correta.

Antes, porém, de que o leitor possa compreender

a aplicação da cronologia neste problema, ou avaliar as conclusões que dela se tiram, deve relacionar-se com os elementos básicos dos antigos métodos de computar o tempo, pôsto que são diferentes dos nossos.

Partindo do conhecido para chegar ao desconhecido, começaremos por examinar nosso próprio sistema de computar o tempo. Os nomes, janeiro, fevereiro, março, etc., são romanos e o ano de 365 dias foi trazido do Egito para a Europa, por Júlio César, que lhe acrescentou o ano bissexto. Este calendário juliano, herdado das nações que sucederam ao Império Romano, chegou-nos ligeiramente alterado com o nome de calendário gregoriano. Tal sistema, juntamente com o costume de individualizar mediante as iniciais A. C. e A. D., de origem medieval, estendeu-se a todo o globo graças à expansão européia, até chegar a tornar-se familiar em países remotíssimos que têm calendários inteiramente diferentes.

Deste modo, grande parte do mundo atualmente está acostumada, não somente a datar os acontecimentos modernos com base no calendário gregoriano e na era cristã, senão, inclusive, a datar os acontecimentos históricos da antigüidade como se o calendário juliano e a escala dos anos anteriores a Cristo retrocedessem indefinidamente ao remoto passado. Dizemos, por exemplo, que Jerusalém caiu ante as forças de Nabucodonozor, em 586 A. C., que Ciro morreu em agosto do ano 530 A. C., e que Alexandre o Grande faleceu em junho de 323 A. C. Devido ao costume que temos de empregar esse sistema de cômputo, é-nos difícil compreender que os registos originais, graças aos quais conhecemos estes e outros acontecimentos da antigüidade, nos chegaram datados com base em sistemas de cômputo totalmente diferentes dos nossos.

Analiseemos brevemente as três datas mencionadas e vejamos como cada uma delas tem base em sistemas cronológicos diferentes uns dos outros. Para a queda de Jerusalém temos a declaração bíblica que data o acontecimento no ano 19º de Nabucodonozor e 11º de Sedecias. O ano 19º do reinado de Nabucodonozor é mais fácil de determinar que muitos outros, devido a que os arqueólogos encontraram um documento do tempo de Nabucodonozor, que dá uma série de observações astronômicas datadas do ano 37º, o que permite localizar de forma indiscutível este ano da era prescrita e, portanto, também o ano 19º. Não obstante, devemos conhecer também a relação que existe entre os anos do monarca babilônio Nabucodonozor, e os do rei judeu Sedecias, a fim de estar seguros da data em que a cidade caiu.

Para a morte de Ciro o Grande temos o cânon de Ptolomeu e um documento que registra uma série de eclipses contemporâneos, que necessariamente fixam o primeiro ano de seu sucessor, Cambises,

na primavera do ano 529 A. C., seguindo-se o ano 9^o. de Ciro o Persa. Outros ladrilhos babilônios indicam a época do ano em que terminou o seu reinado.

Para a morte de Alexandre existe um documento que data o acontecimento no primeiro ano da 114^a Olimpíada, um sistema grego de cômputo empregado na época clássica.

Diferentes sistemas de cômputo e calendários, às vezes mais variáveis e menos exatos que os que mencionamos, devem ser postos um ao lado do outro mediante métodos cuidadosos e às vezes trabalhosos a fim de datar os acontecimentos da antiguidade. Alguns podem ser fixados exatamente no ano que lhes corresponde da era pré-cristã, e outros só em forma aproximada.

A necessidade de compreender estes problemas torna-se óbvia ao considerarmos o caso dos acontecimentos históricos relacionados com o começo do período profético dos 2.300 dias; a viagem de Esdras a Jerusalém durou desde o primeiro até ao quinto mês do "sétimo ano do reinado de Artaxerxes." A data se deu com base em um ano de governo de um monarca persa, registado por um judeu de Babilônia que escrevia a judeus da Palestina acerca de acontecimentos relacionados com este último país. A fim de atribuir a estes acontecimentos com toda a certeza uma data precisa da era pré-cristã, devemos responder a uma quantidade de perguntas: Que queria dizer Esdras ao falar do 1^o. e do 5^o. mês, e que espécie de calendário usava? Que queria dizer ao fixar o seu regresso de Jerusalém no 7^o. ano do reinado do rei Artaxerxes? Mencionou essa data com base na data da ascensão do monarca ou no ano do calendário? Se empregou o último sistema, usou o persa, ou o judeu, para calcular os anos? Se usou o método judeu, qual dos sistemas que sabemos empregaram os judeus, usou ele? Elementos tão diversos como estes conformam o problema de fixar os acontecimentos antigos nas eras pré e pós-cristãs. Portanto, os quatro primeiros capítulos serão dedicados a dar uma explicação fundamental dos fatos necessários acerca dos antigos métodos de cômputo, que são fundamentais para uma interpretação correta das datas bíblicas em geral, e da relação com a profecia dos 2.300 dias em particular.

Um estudo cuidadoso dos dois primeiros capítulos é indispensável, portanto, para uma compreensão dos capítulos terceiro, quarto e quinto, que se relacionam com os problemas específicos do calendário judeu e da cronologia de Esdras 7, e o apêndice apresenta uma exposição pormenorizada de alguns documentos judeus extrabíblicos do século V, A. C., por cujo meio se estabelece a correção das conclusões mencionadas no capítulo 6. Para uma compreensão da solução do problema que se discute, a leitura do apêndice não é essencial, mas o material nêle contido é fornecido para proveito de quem quer ter toda a prova em que se baseia o nosso conhecimento do calendário judeu do século V, A. C.

CAPITULO I

Diferentes Sistemas de Cômputo

A NECESSIDADE de datar certos acontecimentos fêz-se sentir desde as eras mais primitivas. Por isso mesmo encontramos, não somente nos res-

gistros primitivos da Bíblia, mas também nos de muitas outras nações antigas, diversos métodos empregados para datar os acontecimentos. Os registros mais antigos da Mesopotâmia revelam que houve razões econômicas que induziram a inventar sistemas, por cujo meio se pudesse fixar o tempo; por exemplo, para determinar o arrendamento que deveria ser pago por um animal durante certo tempo, ou o aluguel de uma casa, etc. Não obstante, os antigos não souberam como delimitar o tempo de acôrdo com uma era, tal como os modernos estamos acostumados a fazê-lo, uma era que tivesse um ponto definido de partida (como o nascimento de Cristo na era cristã), e que atribuísse a cada novo ano um novo número, sem nenhuma interrupção e sem considerar os acontecimentos que ocorreram em seu transcurso.

Listas de Nomes de Anos

O método mais antigo de estabelecer um sistema cronológico, praticado pelo sumérios e babilônios, consistia em dar a cada ano um nome, que geralmente se relacionava com o acontecimento mais conspícuo do ano anterior. Dêste modo, o sétimo ano de Hamurabi, por exemplo, era chamado "o ano em que Uruc e Isin foram tomadas," e o 10^o. de seu reinado recebeu o nome de "o ano em que o exército e o povo de Malgu foram destruídos," apesar de que, em ambos os casos, os acontecimentos a que se referiam haviam ocorrido no ano anterior (1). Nos diversos escritórios e cidades eram mantidas listas completas de todos os nomes dos anos, que abrangiam um período razoável, de maneira que se podia determinar quantos anos haviam passado se uma pessoa reclamava, por exemplo, que alguém lhe devia o aluguel de um terreno desde o "ano em que Uruc e Isin foram tomadas" até ao "ano em que o exército e o povo de Malgu foram destruídos." Com base nessas listas podia decidir-se que entre os dois recém-mencionados se encontravam os seguintes: 1) o "ano em que a terra de Emutbal (foi?) [destruída]," e 2) o "ano em que o canal Hamurabi-hegal (foi cavado)." Apesar de que esse sistema de cômputo se nos afigure complicado demais, para nós que podemos em um momento dizer quantos anos passaram entre 1950 e 1953, foi êle praticado por muitos séculos na Mesopotâmia.

Os Cânones Epônimos

Outro método de estabelecer os anos foi introduzido pelos assírios. Um alto funcionário que podia também ser o rei, era nomeado uma vez em sua vida para servir durante um ano como *limmu*, cargo honorífico que não requeria o desempenho de nenhuma obrigação, senão que meramente o seu nome fôsse aplicado ao ano em que era *limmu*. O equivalente grego de *limmu*, assírio, é a palavra *eponym*; daí que as listas cronológicas que contêm os nomes dos *limmu* sejam conhecidas com o nome de cânones epônimos (2). O epônimo do ano em que o rei Sargon II ascendeu ao trono tinha por nome *Nimurta-ilaia*, e todos os documentos datados durante êsse ano são-no no "ano *Nimurta-ilaia*." A êste epônimo seguiu-se o ano de *Nabu-taris*, e todos os documentos datados levavam a inscrição "o ano *Nabu-taris*" (3). As listas dos epônimos, bem como as dos nomes dos anos na antiga Babilônia, eram mantidos para propósitos legais relativos

ao comércio. Este sistema de cômputo foi empregado pelos assírios desde o ano 2.000 A. C., até ao fim do império na última parte do século VII da mesma era.

Os Anos Régios

Desde os alôres da história, o sistema de datar empregado no Egito estava em harmonia com os anos de reinado de cada monarca, chamados por isso mesmo anos régios. Este sistema foi introduzido também em Babilônia pelos governantes casitas de meados do segundo milênio, A. C. Visto que este sistema de cômputo é o empregado nos documentos bíblicos e extrabíblicos relacionados com este estudo, explicá-lo-emos com maior minúcia que os previamente mencionados, que nenhuma relação têm com o tema de que estamos tratando.

Para o termo médio das gentes da atualidade, a expressão "primeiro ano de Dario" significa naturalmente os primeiros doze meses de seu reinado, começando com a data de sua ascensão ao trono. Deste modo, com efeito, contando os aniversários da ascensão dos monarcas, computam-se os anos de reinado dos monarcas britânicos, e com base nestes anos régios, datam-se as leis do império (4). Na vida cotidiana, porém, muito mais conveniente é datar com base no calendário que sempre começa na mesma data, e é computado com base em um longo período, como a era cristã, por exemplo.

Durante o período dos monarcas babilônios e persas, com os quais se relaciona a primeira parte do estudo, encontram-se fórmulas semelhantes às seguintes: "No mês de Nisan, no ano vigésimo do rei Artaxerxes" (Nec. 2:1). Os habitantes da antiguidade, porém, empregavam os métodos por cujo meio evitavam as dificuldades inerentes ao sistema de contar os anos de acôrdo com os aniversários de cada monarca. Deixando de lado as diversas datas em que realmente se produziam os ascensos ao trono, computavam todos os reinados, de maneira tal que o ano régio coincidissem com o do calendário. A diferença entre os dois métodos por cujo meio se fazia isto, encontrava-se na forma de considerar o intervalo entre o dia da ascensão do monarca ao trono e o seguinte dia do Ano Novo.

- (1) Os exemplos de todos os nomes de anos foram tomados da obra de Samuel A. B. Mercer, "Sumero-Babylonian Year-Formulae," págs. 35 e 36
- (2) A. Ungnad, "Eponymen," em "Reallexikon de Assyrologie," Vol. II, págs. 412-457 (1938); ver também Sidney Smith, "The Foundation of the Assyrian Empire," "The Age of Ashurbanipal," em "The Cambridge Ancient History" (daqui em diante abreviado CAH), Vol. III, págs. 92 e 93.
- (3) Ungnad, *op. cit.*, pág. 424; Daniel D. Luchenbill, "Ancient Records of Assyria and Babylonia," Vol. II, pág. 437.
- (4) Frederick C. Hicks, "Materials and Methods of Legal Research," pág. 430.



CONSELHO do Espírito de Profecia

A Influência do Regime Alimentar - Parte I

A Alimentação e a Saúde Física

NÃO há senão poucos que estão suficientemente despertados para a compreensão de quanto os seus hábitos de alimentação têm que ver com a saúde, com o caráter, com sua utilidade neste mundo e com seu destino eterno. — *Testimonies*, Vol. I, págs. 488 e 489.

"Muitos estudantes são deploravelmente ignorantes de que a alimentação exerce influência poderosa sobre a saúde." — *Medical Ministry*, pág. 77.

"A má orientação no comer e no beber destrói a saúde, e com ela o encanto da vida." — *Counsels on Health*, pág. 117.

"Os que pecam contra o conhecimento e a luz e recorrem à perícia de um médico para a administração de drogas, estarão constantemente perdendo o seu encanto de viver . . .

"Não investigam seus anteriores hábitos de comer e beber, nem prestam atenção especial aos seus hábitos errôneos que durante muitos anos têm esta-

do a lançar o alicerce da doença." — *Medical Ministry*, pág. 224.

"Se os cristãos mantiverem em sujeição o corpo, e puserem todos os seus apetites e paixões sob o domínio da consciência esclarecida, sentindo que as leis que governam a saúde e a vida lhes são um dever para com Deus e para com o seu próximo, terão a bênção do vigor físico e mental." — *Counsels on Diet and Foods*, pág. 65.

"Ao estudarmos este assunto no temor de Deus, aprenderemos que tanto para a nossa saúde física como para o nosso progresso espiritual, é-nos melhor observar simplicidade na alimentação." — *Medical Ministry*, pág. 273.

"Se os israelitas houvessem obedecido às instruções recebidas, aproveitando-se de seus privilégios, ter-se-iam tornado para o mundo um modelo de saúde e prosperidade." — *Testemunhos para a Igreja*, pág. 166.

"Estivessem eles dispostos a dominar o apetite,

em obediência às Suas sábias restrições, e teriam sido desconhecidas entre eles a fraqueza e a moléstia.” — *Patriarcas e Profetas*, pág. 410.

O Alimento Deve Ser Saboroso

“É importante que tornemos saboroso o alimento que comemos. . . Alimentos sem sabor estão enfraquecendo a vida de milhares. . . Transtorna o organismo e produz doença.” — *Counsels on Health*, págs. 116 e 117.

“O alimento não será preparado para estimular a gula nem para satisfazer o gosto pervertido, mas para obter para si a maior força física e, conseqüentemente, a melhor condição mental.” — *Idem*, pág. 50.

“A comida deficiente, mal preparada, estraga o sangue por enfraquecer os órgãos que o elaboram. Isto desarranja o organismo, e traz doença, com seu cortejo de nervos irritados e mau gênio.” — *A Ciência do Bom Viver*, pág. 258.

“É pecado servir a mesa com alimento mal preparado, porque a questão de comer envolve o bem-estar do organismo inteiro. Quer o Senhor que Seu povo reconheça a necessidade de dispor de alimento preparado de maneira tal que não azede os estômagos e, conseqüentemente, produza mau gênio. Lembremo-nos de que existe religião prática numa fôrma de bom pão.” — *Counsels on Diet and Foods*, pág. 251.

“O alimento mal preparado está a pouco e pouco destruindo as energias vitais de milhares. Perigo para a saúde e a vida é comer em algumas mesas o pão pesado e azêdo e outros idênticos alimentos. . . A menos que o alimento seja preparado de maneira sadia e apetitosa, não pode ele ser convertido em bom sangue, para reparar os tecidos gastos.” — *Idem*, pág. 264.

“O seu organismo parecia ser uma massa viva de corrupção. Morreu vitimado por alimentação fraca.” — *Counsels on Health*, pág. 150.

“Nada Entre as Refeições”

“A regularidade no comer é muito importante para a saúde do corpo e a serenidade da mente. Nunca deve um bocadinho de alimento passar pelos lábios entre as refeições.” — *Idem*, pág. 118.

“Hábito corriqueiro é que o povo do mundo coma três vezes por dia, além de intervalos irregulares entre as refeições; e a última refeição é geralmente a mais abundante e tomada justamente antes de ir para a cama. Isso é inverter a ordem natural; uma refeição abundante nunca deve ser tomada em hora tão tardia do dia. Devem essas pessoas mudar de sistema, e não comer senão duas refeições por dia, e nada entre as refeições, nem mesmo uma maçã, uma noz ou outra qualquer fruta, e o resultado será visto em um bom apetite e em saúde grandemente melhorada.” — *Review and Herald*, 29 de julho de 1884.

“Depois de o estômago, que foi sobrecarregado, haver terminado a sua tarefa, fica cansado, o que causa fraqueza. . . O estômago fica cansado de ser mantido em constante atividade, para libertar-se de

alimento que não é o mais saudável. Não dispendo de tempo para repousar, os órgãos digestivos enfraquecem, do que resulta a sensação de ‘exaustão’, e o desejo de comer freqüentemente. O remédio que esses casos requerem é comer menos, com menos freqüência e menos liberalidade, e satisfazer-se com alimento simples, comendo duas vezes ou, no máximo, três, por dia. O estômago precisa ter os seus períodos regulares de trabalho e repouso; daí que o comer irregularmente e entre as refeições, seja a mais perniciosa violação das leis da saúde. Com hábitos regulares, e alimento apropriado, o estômago gradualmente se reabilitará.” — *Counsels on Diet and Foods*, pág. 175.

“Aprenderemos que é melhor, tanto para o nosso progresso físico como espiritual, observar simplicidade na alimentação.” — *Counsels on Health*, pág. 127.

“O alimento, ou enfraquece ou fortalece os órgãos do estômago e tem muito que ver com o domínio da saúde física e moral.” — *Testimonies*, Vol. III, pág. 568.

“Vosso alimento não tem sido da quantidade e qualidade corretas. Tendes comido quantidade demasiada de alimento de qualidade inferior, que não poderia haver sido convertida em bom sangue.” — *Idem*, pág. 74.

“A criança de peito ficou seriamente afetada . . . seu sangue ficou envenenado pelo regime alimentar impuro da mãe, que lhe produziu febre em todo o organismo, afetando conseqüentemente o sangue da criança.” — *Counsels on Health*, pág. 79.

A Alimentação Mais Saudável

“Frutas, cereais e vegetais, preparados de maneira simples, isentos de condimentos e de gordura de qualquer espécie, . . . nutrem o corpo e dão capacidade de resistência . . . que não podem ser produzidos por um regime estimulante.” — *Idem*, pág. 115.

“Cereais, frutas, frutos oleaginosos e vegetais constituem o alimento escolhido para nós por nosso Criador. Esses alimentos, preparados de maneira tão simples e natural quanto possível, são os mais saudáveis e nutritivos. Comunicam eles uma fortaleza e uma capacidade de resistência, e um vigor de intelecto, que não são conseguidos por uma alimentação mais complexa e estimulante.” — *Counsels on Diet and Foods*, pág. 310.

“As azeitonas podem ser preparadas de maneira tal que sejam comidas com bons resultados em cada refeição. As vantagens procuradas com o uso de manteiga pode ser conseguido com comer azeitonas devidamente preparadas. O óleo contido nas azeitonas alivia a constipação; e para os tísicos, e para os que têm estômago inflamado, irritado, ela é melhor do que qualquer droga. Como alimento, é melhor do que qualquer óleo de segunda mão, de origem animal.” — *Testimonies*, Vol. VII, pág. 134.

“Se é usado leite, deve ele ser perfeitamente esterilizado; com esta precaução, há menos perigo de contrair doenças por seu uso.” — *A Ciência do Bom Viver*, pág. 258.

“Mas não recomendaríamos uma alimentação fra-

ca. Foi-me mostrado que muitos têm conceito errôneo da reforma pró-saúde, e adotam alimentação fraca demais. . . . Nunca deve ser dada a impressão de que o que comemos não tem senão pouca consequência. . . . O alimento fraco não pode ser convertido em bom sangue. A alimentação fraca, enfraquecerá o sangue.” — *Counsels on Health*, pág. 151.

“O alimento deficiente, fraco e mal preparado está constantemente estragando o sangue, por enfraquecer os órgãos elaboradores do sangue.” — *Idem*, pág. 145.

“O motivo da saúde fraca do Dr. * são os saques que faz à sua conta bancária da saúde e depois deixar de repor a quantia retirada, por meio de alimentação saudável, nutritiva e apetitosa. . . . Não vos restrinjais a uma alimentação escassa; pois dessa maneira mal-representais a reforma pró-saúde.” — *Medical Ministry*, pág. 288.

“Tempo virá em que teremos que abster-nos de alguns dos artigos alimentares que agora usamos, tais como leite, creme e ovos; mas a minha mensagem é que não deveis colocar-vos antecipadamente num tempo de perplexidade, e assim afligir-vos com a morte.” — *Idem*, pág. 289.

Chá, Café, Remédios, Álcool, Fumo

“O uso de chá e café também é prejudicial ao organismo. . . . Entra na circulação, e gradualmente prejudica a energia do corpo e da mente. . . . O chá prejudica a fortaleza dos nervos e deixa-os grandemente enfraquecidos. . . . O chá é venenoso para o organismo. . . . Os bebedores de chá e café levam na própria face a sua marca. A pele fica descorada, e assume aparência sem vida.” — *Counsels on Health*, pág. 87.

“O café é uma condescendência prejudicial . . . a consequência é triste — prostração e exaustão das forças físicas, mentais e morais.” — *Idem*, pág. 441.

“As doenças de toda espécie e tipo têm sido produzidas nos seres humanos pelo uso de chá, e café, e dos narcóticos, ópio, e fumo.” — *Medical Ministry*, pág. 222.

“Milhares que sofrem poderiam reaver a saúde se . . . abandonassem todos os medicamentos, e vissem de maneira simples, sem usar chá, café, álcool, ou condimentos, que irritam o estômago e enfraquecem-no, incapacitando-o para digerir até os alimentos simples sem estimulante.” — *Idem*, pág. 229.

“Todo níquel gasto com chá, café e alimento cárneo, é pior do que perdido, pois estas coisas prejudicam o melhor desenvolvimento das faculdades físicas, mentais e espirituais.” — *Idem*, pág. 274.

“O Maior Produtor de Doenças”

“A predisposição para apanhar doença é decuplicada pelo uso da carne. As faculdades intelectuais, morais e físicas são reduzidas pelo uso habitual de alimentos cárneos. O uso da carne prejudica o organismo, entenebrece o intelecto, e embota as sensibilidades morais.” — *Counsels on Health*, pág. 70.

“Má saúde em uma variedade de formas, se o efeito pudesse ser investigado até à causa, revela-

ria o resultado certo de comer carne.” — *Medical Ministry*, pág. 222.

“A carne é o maior produtor de doença que pode ser introduzido no organismo humano.” — *Idem*, págs. 266 e 267.

“Cânceres, tumores e tôdas as doenças inflamatórias são grandemente causadas por comer carne.

“Segundo a luz que Deus me concedeu, a preponderância de cânceres e tumores é grandemente devida à alimentação habitual de carne morta.” — *Idem*, pág. 278.

“Cânceres, tumores e moléstias pulmonares são grandemente causadas pela alimentação cárnea.” — *Counsels on Health*, pág. 133.

“O povo come continuamente carne cheia de germes de tuberculose e câncer. Assim são comunicadas a tuberculose, o câncer e outras moléstias mortais.” — *A Ciência do Bom Viver*, pág. 269.

“Os peixes que se alimentam do conteúdo de esgotos podem passar a grandes distâncias, e ser apanhados em lugares em que as águas são puras e boas. De modo que, ao serem usados como alimento, ocasionam doença e morte naqueles que nada suspeitam do perigo.” — *A Ciência do Bom Viver*, pág. 269.

“Alimentos cárneos, manteigo, queijo, pastelaria muito sazoadada, alimentos adubados, e condimentos são liberalmente ingeridos tanto por velhos como por jovens. Estas coisas fazem a sua parte no desarranjo do estômago, excitando os nervos, e enfraquecendo o intelecto.” — *Counsels on Health*, pág. 114.

“Os alimentos cárneos empobrecerão o sangue. Preparai o alimento com condimentos picantes, e comei-o com bolos e pastéis muito sazoadados, e tereis má qualidade de sangue. . . . Os pastéis de carne e as conservas de vinagre, que nunca devem ter acesso a estômago humano algum, produzirão qualidade lastimosa de sangue. E a qualidade fraca de alimento, preparado de maneira imprópria, e em quantidade insuficiente, não pode produzir sangue bom. Os alimentos cárneos, e a alimentação fraca, produzirão maus resultados.” — *Idem*, pág. 152.

Alimentos Muito Suculentos e Muito Sazoadados

“O uso de alimento grandemente sazoadado causa inflamação do delicado revestimento dos órgãos digestivos.” — *Medical Ministry*, pág. 286.

“O próprio alimento que põem diante dos filhos é de molde a irritar o tenro revestimento do estômago. Essa excitação é comunicada ao cérebro através dos nervos, e o resultado é que as paixões animais são despertadas e dominam as faculdades morais.” — *Testimonies*, Vol. IV, págs. 140 e 141.

“Servem-se almoços e jantares muito sazoadados, constituídos de carnes muito sazoadadas, com molhos picantes, bolos, pastéis, sorvetes, chá, café, etc. Não admira que com semelhante alimentação as pessoas tenham a pele descorada, e sofram de indízeis agonias de dispepsia.” — *Idem*, pág. 159.

Açúcar

"De ordinário se usa demasiado açúcar no alimento. Bolos, pudins, pastelarias, geléias, doces, são causa ativa de má digestão." — *A Ciência do Bom Viver*, pág. 258.

"Muitos sabem fazer diferentes espécies de bolos, mas o bôlo não é o melhor alimento para ser pôsto na mesa. Doces, pudins, e sobremesas muito sazoados desarranjarão os órgãos digestivos; e por que tentaremos os que rodeiam a mesa pondo perante êles artigos tais?" — *The Youth's Instructor*, 31 de maio de 1894.

"Grandes quantidades de leite e açúcar comidos juntamente são prejudiciais. Comunicam impurezas ao organismo. . . . O açúcar obstrui o organismo. Prejudica o funcionamento da máquina vivente. . . . Foi o açúcar, comido imoderadamente, que produziu estado doentio em todo o organismo. . . .

"Seu organismo parecia ser uma massa viva de corrupção. . . . Fêz que o açúcar tomasse o lugar da boa alimentação, e êle só piorou as coisas. . . . Êstes obstruem o organismo, irritam os órgãos digestivos, e afetam o cérebro. . . . E segundo a luz que me foi concedida, o açúcar, quando usado em grande quantidade, é mais prejudicial do que a carne." — *Counsels on Health*, págs. 149 e 150.

"Algumas pessoas tomam leite e grande quantidade de açúcar com mingáu de fubá, na suposição de estarem praticando a reforma pró-saúde. Mas o açúcar e leite combinados concorrem para causar fermentação no estômago, e por isso são prejudiciais. O uso discricionário de açúcar em qualquer forma, tende a obstruir o organismo, e não raro é causa de doença." — *Counsels on Health*, pág. 154.

"Freqüentemente eu me sento à mesa de irmãs e irmãs, e vejo que usam grande quantidade de leite e açúcar. Êstes obstruem o organismo, irritam os órgãos digestivos, e afetam o cérebro." — *Counsels on Diet and Foods*, pág. 328.

Temperança e Domínio Próprio

"A estrita temperança no comer e beber é altamente essencial à saudável preservação e vigoroso exercício de tôdas as funções do corpo. Hábitos estritamente temperantes, combinados com exercício dos músculos bem como da mente, preservarão o vigor tanto mental como físico e comunicarão capacidade de resistência aos que se empenham no ministério, aos redatores e a todos mais que tenham hábitos sedentários." — *Counsels on Health*, pág. 123.

"Aquêle que anota a queda de uma andorinha, que conta até os cabelos da cabeça, assinala o pecado de quem condescende com o apetite pervertido à custa do enfraquecimento das faculdades físicas." — *Medical Ministry*, pág. 78.

"Todos quantos condescendem com o apetite, esbanjam as energias físicas, e enfraquecem as faculdades morais, cedo ou tarde sentirão a consequência que se segue à transgressão da lei física." — *Medical Ministry*, pág. 264.

"Os que satisfazem o apetite, e depois sofrem por motivo de sua intemperança, e tomam medicamentos para aliviá-los, podem estar certos de que Deus não interferirá para poupar a saúde e a vida

que com tanta indiferença é posta em perigo." — *Idem*, pág. 14.

"A condescendência do apetite e da paixão entenebrece a mente, diminui a força física." — *Counsels on Health*, pág. 573.

"Tudo quanto é pôsto no estômago, além do que o organismo pode utilizar para converter em bom sangue, prejudica a maquinaria; . . . sua presença sobrecarrega o fígado, e produz estado mórbido do organismo. O estômago é sobrecarregado . . . e produz-se, então, uma sensação de moleza." — *Idem*, pág. 160.

"Algumas pessoas não dominam o apetite. . . . Essas roubam a Deus a capacidade física e mental que poderiam ser devotadas ao Seu serviço." — *Idem*, pág. 71.

"A intemperança no comer, mesmo da comida saudável, exercerá influência debilitante sobre o organismo. . . . A satisfação do apetite é a maior causa de debilidade física e mental, e jaz à base da fraqueza que se patenteia por tôda parte. . . . Depois de algum tempo, devido à continuada complacência com o apetite, os órgãos digestivos enfraquecem, e o alimento ingerido não satisfaz o apetite." — *Test. Sel.*, Vol. I, págs. 416 e 417.

"Formam-se gostos por certos alimentos que não lhes são benéficos, antes prejudiciais; e, ficando o organismo sobrecarregado, a constituição se debilita." — *Idem*, pág. 489.

"Como pode qualquer homem ou mulher guardar a lei de Deus, . . . e condescender com o apetite intemperante, que ofusca o cérebro, enfraquece o intelecto e enche de doença o corpo?" — *Idem*, Vol. IV, pág. 31.

"Condescender em comer com demasiada freqüência, e em quantidades excessivas, sobrecarrega os órgãos digestivos e produz estado febril do organismo. O sangue fica impuro, e então ocorrem doenças de várias espécies." — *Medical Ministry*, pág. 281.

"Crianças doentias nascem por motivo da complacência dos pais com o apetite. O organismo não necessitava da variedade de alimento de que a mente se preocupava." — *Counsels on Health*, pág. 78.

"Condescendem com o apetite pervertido no uso de venenos lentos que corrompem o sangue e minam as forças nervosas e, em consequência, produzem nêles fraqueza e morte." — *Testimonies*, Vol. III, pág. 140.

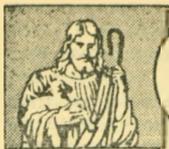
"A complacência com o apetite é a maior causa de debilidade física e mental, e jaz grandemente à base da fraqueza e morte prematura." — *Idem*, Vol. IX, pág. 156.

"Por meio do apetite, Satanás dominou a mente e o ser. Milhares que poderiam ter vivido, passaram prematuramente para a sepultura, fracassados física, mental e moralmente." — *Idem*, Vol. III, pág. 562.

"O Redentor do mundo sabia que a condescendência com o apetite traria debilidade física. . . . O declínio da virtude e a degeneração da raça são principalmente atribuíveis à satisfação do apetite pervertido." — *Test. Sel.*, Vol. I, págs. 415 e 416.

"O comer cobiçoso guerreia contra a saúde e a paz." — *Counsels on Health*, pág. 576.

(Continua)



OBRA PASTORAL

“O Que Fazes, Fá-lo Depressa.”

MELVIN K. ECKENROTH

(Instrutor, Departamento de Religião Prática, S.D.A.
Theological Seminary.)

DESFECHOS tremendos ocorrerão no transcurso desta geração. Por certo, bem poderíamos repetir a declaração de que “É mais tarde do que pensais.” A grande hora dos desfechos para a eternidade está-se-nos aproximando. Todos os acontecimentos do presente se processam suavemente em conformidade com o plano pré-estabelecido por Deus há longo tempo. “Disse pois Jesus: O que fazes, fá-lo depressa. . . . E, tendo Judas tomado o bocado, saiu logo. E era já tarde.” (S. João 13: 27 e 30.) Este passo é o registo de uma amarga desilusão. É um extrato de uma das mais amargas experiências da Terra. É um texto de amarga derrota, texto escrito com lágrimas, texto de uma tragédia total. É a final anotação da vida de um homem que se perdeu no labirinto da confusão social e econômica. É o término trágico de uma vida que se tornara confusa por motivo do raciocínio impróprio e de conclusões errôneas. Relaciona-se com um homem que estêve intimamente ligado a Jesus, e isto é o que o torna mais trágico ainda. É um dos últimos registos da vida de Judas.

Este registo do remate da vida de Judas é o quadro triste de uma pessoa intimamente relacionada com Jesus e, não obstante, d’Ele tão distanciada. A razão óbvia para esse afastamento de Cristo foi a medida da sua visão. Olhava as situações e as condições que o cercavam. As finanças de seu tempo, os interesses e as responsabilidades pecuniárias que sobre ele pesavam, anulavam no seu íntimo toda outra consideração. As coisas materiais da vida haviam assumido proporção anormal em suas cogitações. O verdadeiro conceito do reino de Cristo e da obra que Cristo tinha para ele fazer estava-lhe muito distante. A essência e o senso profundo do repto de Cristo nunca se lhe havia realmente apossado do coração.

Nesta presente época e geração há tantas incontáveis multidões em nosso derredor que trilham a mesma estrada traiçoeira, alguns deles até professando proximidades do Salvador, contudo não reconhecendo os princípios básicos primários de estar verdadeiramente a Ele unidos no potente repto para esta época.

“Quão poucos dentre nós têm o coração uno com o Redentor nesta solene, encerradora obra! Mal existe uma décima parte da compaixão que deveria haver pelas almas por salvar. Tantos há para serem advertidos, e todavia quão poucos se compadessem juntamente com Deus o suficiente para ser alguma coisa ou não ser nada, contanto que ve-

jam almas salvas para Cristo!” — *Obreiros Evangélicos*, pág. 116.

Nisso, realmente consiste a essência do apêlo à Igreja. “Quão poucos têm afinidade com Deus!” Ele é o Senhor ferido. É Aquêle que deu o Seu Filho unigênito para que toda a humanidade viva. Contudo, quão poucos realmente têm afinidade com Deus para ser alguma coisa ou nada ser, contanto que vejam almas salvas para Deus!

Em tôrno de nós hoje em dia há exemplos trágicos de milhões que sofrem de feridas profundas de desilusão. Somos muito propensos a condenar Judas por haver traído a Jesus por trinta moedas de prata. Por pequeno que nos pareça esse preço, e terrível como foi a traição, entretanto, quantos há hoje que traem a Cristo até por menos! Um fatalismo estranho parece existir em toda parte; e em muitas terras milhões jazem em estóico silêncio ao perscrutarem, desorientados, um futuro que nada oferece além de tristeza, tragédia e amargura.

“Nossa Última Oportunidade”

Lembramo nos todos de como o general de Exército, Douglas MacArthur, num momento dramático da História, apresentou-se perante o Congresso dos Estados Unidos e reafirmou a sua convicção de que “perdemos nossa última oportunidade.” A declaração completa contém todo elemento de urgência.

“Desde o começo dos tempos têm os homens buscado a paz. Vários métodos através dos tempos foram tentados para idear um processo internacional que evite as disputas entre as nações, ou as resolva. Desde o início, métodos viáveis foram achados, no que se referia aos cidadãos individualmente, mas o mecanismo de uma instrumentalidade de mais amplo raio internacional, nunca foi bem sucedido. Alianças militares, equilíbrio de forças, Ligas de Nações, todos por sua vez fracassaram, deixando como única solução possível o crucial caminho da guerra.

“A extrema destrutibilidade da guerra impede agora esta alternativa. Perdemos a nossa última oportunidade. Se não idearmos algum sistema melhor e mais equitativo, o Armagedon nos estará à porta — basicamente, o problema é teológico e envolve uma recrudescência espiritual e o aprimoramento do caráter humano que sincronizará com os nossos quase inigualáveis progressos da ciência, da arte, da literatura e de todo o desenvolvimento material dos passados dois mil anos. Se o quisermos, será

do espírito que nos advirá a salvação da carne.”

Falando aos estudantes do Instituto de Tecnologia de Massachusetts, o Primeiro Ministro Winston Churchill fez esta significativa pergunta: “Está o tempo a nosso favor?” Frequentemente se ouve de toda parte o comentário de jornalistas, líderes públicos, estadistas, diplomatas, escritores — fazendo todos a mesma pergunta: “Venceremos na corrida contra o tempo?”

O tempo tem sempre tido função importante no esquema divino das coisas. “Vindo a plenitude dos tempos, Deus enviou Seu Filho, nascido de mulher, nascido sob a lei.” (Gál. 4:4). Ao iniciar o Seu ministério na Terra, Jesus declarou: “O tempo está cumprido, e o reino de Deus está próximo.” (S. Mar. 1:15). A apelo de Paulo aos romanos, no capítulo treze, foi: “Isto digo, conhecendo o tempo, que é já hora de despertarmos do sono” (v. 11); e até a mensagem apocalíptica declara “que não haveria mais demora” (Apoc. 10:6). Tudo isto tem a mais significativa ligação com a nossa grande tarefa presente, tarefa que se torna um portentoso privilégio quando o aceitamos como uma urgência da parte de Deus.

A Pressa é Urgente

Há uma parte muito significativa neste texto: “O que fazes, fá-lo depressa.” Não é possível lê-lo sem sentir a profunda convicção do que Cristo pretendeu dizer ao insistir com Judas para que saísse e cumprisse o seu papel no grande drama da salvação. Cristo não estava apressando Judas para fazer o que era errado, mas sim para que fizesse rapidamente o que em seu coração, já decidira definitivamente. Por certo podemos traçar o paralelo de que — ou assentamos em nosso coração sair para fazer rapidamente a tarefa de que Deus nos incumbiu, que é a de abençoar a humanidade, ou ajuntamo-nos à turba louca em sua iníqua traição.

A premência e a iminência da hora em que vivemos estão incluídos no sentido deste passo. Nesse repto que nos é feito, não é apontado um tempo distante, ilusório. Não nos é dado para confiar ao nebuloso e vago amanhã o que devemos fazer agora. Não somos comissionados para confiar às águas incertas do futuro oceano do tempo a nossa participação na derradeira vitória da igreja que se aproxima mansamente. Os homens de resolução fraca nunca são mencionados. Os que não são movidos por qualquer urgência, nada realizam.

Cristo estava sempre cômico da urgência do tempo. “O que fazes, fá-lo depressa.” Havia muito sentira o Salvador o peso da culpa do mundo. Eis, que era chegado o momento; o tempo estava às portas — aquele tempo que fôra designado milênios antes nos concílios celestes, como o momento do Seu sacrifício, chegara então. Incessantemente, o rio do tempo havia avançado, e chegara a hora. Todo o Céu estava observando o drama naquela pequena sala em que doze homens se agrupavam em torno do Salvador do mundo. Todos os baluartes das hostes celestes observavam o passar de séculos e milênios, ao ferir-se a grande luta numa minúscula sala duma aldeiazinha. A urgência das profecias encontrara o seu cumprimento; e naquele momento dramático, reconhecendo que chegara a hora, Jesus simplesmente se voltou para aquele cujo coração se inclinara para a traição, e reconheceu que chegara o momento do Seu sacrifício a fim de que

tudo o mundo fôsse salvo, e disse: “O que fazes, fá-lo depressa.” A intensidade, a urgência e a relevância daquele cometimento simples nos toca o coração hoje.

Aquêle mesmo senso de urgência foi-nos transmitido, através dos séculos, até aos nossos dias. Aquelas palavras da Santa Escritura apresentam-se nos caracteres nítidos e maiúsculos contra os céus aproximados da geração presente:

“Porque o Senhor executará a Sua Palavra sôbre a Terra, completando-a e abreviando-a.” (Rom. 9:28).

“A noite vem, quando ninguém pode trabalhar.” (S. João 9:4).

“Vêde as terras, que já estão brancas para a ceifa.” (S. João 4:35).

“Eis que presto venho” (Apoc. 22:7).

“Ora vem, Senhor Jesus” (Apoc. 22:20).

“Remindo o tempo” (Efés. 5:16).

“A hora em que não penseis” (S. Mat. 24:44).

Todos êstes passos, e múltiplos outros, dizem-nos da urgência do tempo em que vivemos. Não precisa o mundo hoje de melhor legislação, mas de melhores legisladores; não de melhor comércio, mas de melhores comerciantes; não de melhores bancos, mas de melhores banqueiros; não de melhores medicamentos, mas de melhores médicos; não de melhor agricultura, mas de melhores agricultores; não de melhor ensino, mas de melhores professores; não de melhores leis, mas de melhores intérpretes da lei; não de melhor pregação, mas de pregadores mais consagrados. Isto, portanto, põe perante nós o repto de nosso tempo.

A esta igreja, portanto, é dirigido o tremendo apelo de Deus para avançar agora numa grande campanha e cruzada por nosso Cristo; não apenas uma campanha comum, pois êste tempo é extraordinário; não apenas uma consagração comum, mas sim extraordinária. O mundo, em verdade, está a espera de que alguém avance com a luz da verdade e profira uma fala certa numa hora incerta.

Um editorial de Times-Herald, de Washington, de 28 de julho de 1951, dizia:

“O Congresso tem estado ultimamente bastante alarmado com os acontecimentos, e discute como poderia produzir um código moral para o Govêrno.

“O Times-Herald encontrou para o caso, excelente remédio num livro muito velho, que tem a satisfação de indicar a consideração do Congresso. O Livro é encontrado em qualquer livraria, e intitula-se ‘A Bíblia Sagrada’. No livro de Exodo, é-nos dito que Moisés, líder dos judeus, foi por Deus chamado ao cume do Monte Sinai. Ao voltar de lá para junto do seu povo, trouxe consigo os Dez Mandamentos. São êles: [Cita-os o autor, por extenso].”

A seguir, diz:

“Tomamos a liberdade de sugerir que os homens nos cargos públicos, bem como na vida privada, meditem sôbre o código apresentado nesses Dez Mandamentos e reconheçam que quem quer que por êles se norteie, não precisa de novo conselho de bons costumes, quer do Congresso quer de outra fonte.”

Esta verdade têm os Adventistas do Sétimo Dia proclamado ao mundo há anos. Êste é o tempo para proclamar a mensagem de esperança. Que hora, esta, para a aceitação da mensagem de Cristo! “O que fazes, fá-lo depressa!”

“Era já Noite”

Eis outro aspecto deste passo, que devemos também examinar. Reza a Escritura que depois de Judas haver recebido a mensagem de Jesus, “saiu logo; e era já noite.” Palavras sóbrias, por certo — solenes no seu conteúdo. Ao sair êle da presença de Jesus, saiu para a escuridão da noite. Sempre tem sido assim. Tudo quanto necessitais fazer para provar a validade destas palavras é olhar em torno, hoje, e ver os exemplos trágicos de quantos jazem desiludidos à beira do desespero, depois de se haverem apartado da presença de Jesus. É sempre assim quando alguém sai. É noite, e há milhões de pessoas na noite escura em torno de nós, hoje. Era noite escura para Judas; era-lhe noite escura para a alma. É noite escura para muito pecador, hoje em dia. Aflição, temor, desesperança, incerteza, desconfiança, têm-se apossado do coração das multidões.

Esta é a inalterável lei da vida. Ninguém que já haja abandonado a Jesus escapou dessa experiência da noite. Nosso mundo está agora envolto por uma noite de agonias da derradeira hora. E o que fazemos, precisa ser feito à noite. Porque o que a igreja deixou de fazer nos seus momentos de prosperidade e oportunidade, precisa ser feito em tempo da maior angústia e perplexidade.

Em Heart of Midlothian, de Scott, deparamos com o belo personagem que é Jeny Deans, que vai a Londres em busca do perdão real para sua desgarrada irmã. Apresenta-nos ela estas belas palavras: “Ao chegarmos ao fim da vida, não é o que fizemos em proveito próprio, mas o que fizemos em prol de outros, que será o nosso auxílio e conforto.”

Por isso é que desejamos fazer hoje veemente apêlo a todos para que se empenhem em mais ampla experiência de penetrar na noite escura que nos rodeia, não como desiludidos, mas para atingirmos

desiludidos e estender-lhes a tocha da luz e da verdade.

Lembra-vos de que, enquanto Judas saía, decepcionado, abatido e amargando, onze outros homens saíram para salvar um mundo ferido de pecado. Dêsse pequeno embrião surgiu a grandiosa igreja cristã de hoje; e a nós, adventistas do sétimo dia, neste século vinte, é que Deus entregou a tocha para iluminar a senda de cada homem que se disponha a escutar a verdade e a ela atender. Não temos a responsabilidade de acender a tocha; nossa tarefa é apenas empunhá-la. Deus não necessita de defesa; precisa, tão somente, de alguém que O proclame. A verdade não necessita de arrimo; necessita, apenas, de ser contada. A verdade não precisa de quem a defenda; necessita, tão somente, de um mensageiro.

Uns poucos anos faz, no Canadá, uma garotinha de três anos de idade ausentou-se da casa paterna. Um grupo de pessoas saiu a sua procura. Buscaram-na por toda parte — o dia todo, toda a noite, o dia seguinte e também a noite seguinte. Finalmente, o dirigente do grupo, exausto de cansaço, sugeriu que a busca fôsse abandonada. Mas o aturdido e jovem pai não podia conformar-se, e suplicou, veementemente, com lágrimas, que, uma vez mais, formando uma frente única, de mãos dadas, todos voltassem a vasculhar o macegal. Embora estivessem cansados a ponto de exaustão, ninguém pôde deixar de atender ao apêlo daquele pai angustiado. Deram-se as mãos e avançaram, uma vez mais. Eis, então, que um deles encontra num tufo de macega o corpo inerte da menina, e o entrega ao jovem pai. Êle a estreita ternamente contra o peito, e, com grossas lágrimas a rolar-lhe pela face, exclama: “Oh, Deus meu, por que não nos demos as mãos mais cedo?”

Não avancaremos nós, agora, de mãos dadas com Deus, com a determinação de que o que quer que por Ele fizermos, façamo-lo *com rapidez?*

Consagração

A DIFERENÇA entre uma vida cheia do Espírito e outra vazia do mesmo, é a que há entre uma existência plenamente consagrada a Deus e outra que quer seguir seus próprios caminhos e, ao mesmo tempo, agradar a Deus. A consagração é tema de que é sumamente fácil falar, mas em que a maioria dos homens fracassa. Os seres humanos estão dispostos a assinar compromissos, a realizar qualquer trabalho e não importa em que quantidade, e até assinar cheques e dar dinheiro, sob a condição de que Deus lhes deixe fazerem o que bem apraz. Contanto que não faça tanta questão da consagração, contanto que os não leve à cruz, farão qualquer coisa. O que sempre recusam é a entrega total da vida.

E, não obstante, é só no altar do sacrifício que o Espírito Santo pode descer e impregnar toda a vida, e dotá-la de nova energia, de maneira que em cada circunstância da existência Jesus seja reconhecido como Senhor, e o fruto do Espírito se manifeste no caráter.

Nada pode ocupar o lugar da consagração. Algumas pessoas põem oração onde Deus quer que ponham consagração. Outras professam esperar que o Senhor as encha de Seu poder. Ambos êsses grupos estão enganados! Ao passo que pretendem esperar que Deus actue, a verdade é que Deus está esperando que elas façam alguma coisa. Em qualquer momento, quando estiverem dispostas a entregarem-se ao Espírito Santo, êste tomará posse de todos os recantos de sua vida. — G. Campbell, “*The Spirit of God.*”



ESTUDOS BÍBLICOS

A LEI E A GRAÇA

F. C. PETTY

Pastor, Guaiaquil, Equador

TEXTO: Rom. 6:14 "Não estais debaixo da lei, mas debaixo da graça".

I. INTRODUÇÃO

1. O versículo apresenta um contraste — a conjunção "mas". Aparentemente uma dispensação de cada. Alguém que esteja debaixo da lei não pode estar debaixo da graça, e vice-versa.
2. Estudar a relação entre a lei e a graça — dispensação de cada.
3. Compreendida por muitos como períodos históricos — antes de Cristo, salvação pela lei; depois de Cristo, a graça e não a lei.

II. DEFINIÇÃO DE ALGUMAS PALAVRAS

1. Graça: Favor imerecido, misericórdia ou perdão divinos, divina assistência dada ao homem para sua regeneração ou santificação. Graça, parte do plano da salvação. (Atos 15:11).
2. Evangelho: As boas-novas da graça de Jesus.
3. Lei: Neste passo de Romanos, a "lei" provavelmente significa os Dez Mandamentos de Êxodo 20. É assim compreendido por muitos.

III. DISPENSAÇÕES DA LEI E DA GRAÇA

1. O Período da Graça
 - a. Salvo pela graça por meio da fé (Efés. 2:8) — a graça é a fonte, a fé são as águas; a graça é a parte de Deus, a fé é a nossa parte.
 - b. A graça manifestada a todos os homens (Tito 2:11).
 - c. A graça é paralela com o pecado (Rom. 5:20).
 - d. Abraão e todos os vultos dignos, do Velho Testamento, justificados pela fé na graça de Deus (Rom. 4:13; Heb. 11).
 - e. Noé achou graça (Gên. 6:8).
 - f. O evangelho foi pregado a "êles" (Heb. 4:2).
 - g. O evangelho "eterno" (Apoc. 14:6). A graça existiu desde o pecado e por motivo dele.
2. A doutrina do Pecado no Novo Testamento
 - a. Pecado é transgressão da lei (I S. João 3:4).
 - b. A lei define o pecado (Rom. 3:20).
 - c. Pela lei vem o conhecimento do pecado

(Rom. 7:7). O pecado é o mesmo do Velho Testamento.

3. O Período da Lei
 - a. Para todo o sempre (Sal. 111:7 e 8).
 - b. Santa, justa, boa, espiritual, eterna (Rom. 7:12 e 14; S. Luc. 16:17).
 - c. Cristo guardou a lei (Heb. 10:7).
 - d. Os cristãos devem guardar a lei (I S. João 1; S. João 5:2 e 3).
 - e. Não havendo lei, não há pecado (Rom. 4:15).
 - f. Não é parte dos ritos judaicos (I Cor. 7:19). Contraste.
 - g. Expõe a inclinação da carne; o homem carnal opõe-se à lei (Rom. 8:7).

IV. O PECADOR SOB A CONDENAÇÃO DA LEI

1. Todos condenados à morte pelo pecado (Rom. 3:23; 6:23).
2. Condenação e justificação (Rom. 5:18; 6:14).
 - a. Pela ofensa (pecado, ou transgressão da lei) veio a condenação (pela lei) do pecador. Debaixo da lei.
 - b. Pelo dom gratuito (graça) veio a justificação. Debaixo da graça.
3. Debaixo da lei, escravidão do pecado; debaixo da graça, libertamento (Rom. 6:14-18).
4. O estar debaixo da graça não desobriga da guarda da lei (Rom. 6:14 e 15).

V. OS PERÍODOS DA LEI E DA GRAÇA, NÃO SÃO HISTÓRICOS

1. A lei e a graça existentes paralelamente.
2. As dispensações na vida do indivíduo.
 - a. A dispensação da lei, estando debaixo da lei, é a dispensação do pecado.
 - b. A dispensação da graça, é período de perdão do pecado.
3. Sem lei não há pecado — sem pecado não há graça.
4. A mesma lei que condena o pecador, protege o cristão (S. Tiago 2:12). "A lei da liberdade".
5. O amor é o cumprimento da lei (Rom. 13:10.)

CAIXA DE PERGUNTAS

A Mudança Foi Feita Há Muito Tempo

[Nossos leitores terão interesse no que talvez seja o mais recente pronunciamento em apoio da mudança, pela Igreja Católica, da santidade do sábado para o domingo. Notar as interessantes declarações — "Foi provavelmente nessa época..." e "A mudança foi feita há tanto tempo que não há dela registo, mas provavelmente remonta ao tempo dos apóstolos." — Redação.]

"É verdade que o dia do Senhor era o sábado, e que a Igreja o mudou para o domingo?"
— Georgia.

"É bem verdade que o dia de repouso é o sábado, e não o domingo. A mudança foi feita há tanto tempo que não há dela registo, mas provavelmente remonta ao tempo dos apóstolos. A Igreja Católica possui autoridade para fazer essa mudança, porque, quando Cristo a fundou, Ele disse a São Pedro: "Tudo o que ligares na Terra será ligado nos Céus; e tudo o que desligares na Terra será desligado nos Céus". S. Mat. 16:19.

"O motivo para essa modificação foi a tendência aduzante surgida na Igreja primitiva. Os próprios apóstolos sentiam, a princípio, que a salvação só era para os judeus e, depois da morte de Cristo, muitos deles quiseram fazer que os gentios conversos se apegassem às leis cerimoniais dos judeus, que Cristo havia cumprido e haviam sido substituídas pelo Novo Testamento. Tão acentuada era essa tendência que foi necessário que os apóstolos convocassem o Primeiro Concílio de Jerusalém, em que decretaram que aos gentios fosse proibido, somente, comerem as coisas já sacrificadas aos ídolos. Encontrareis isto em Atos dos Apóstolos, capítulo 15. Foi provavelmente nessa época que eles mudaram o Dia do Senhor, do sábado para o domingo, a fim de ganhar mais judeus, da lei de Moisés, que já estava cumprida." — De "Question Box", no número de outubro de 1954, de *Extension*, periódico mensal católico, publicado na av. S. Wabash, 1307, Chicago 5, E.U.A.



NOTAS E NOTÍCIAS

◆ O PAPA PIO XII, em cerimônia solene realizada na Basílica de São Pedro, na cidade do Vaticano, proclamou formalmente a festa universal da Rainha Maria, a ser celebrada no dia 31 de maio de cada ano.

◆ UM TOTAL de 366.500 pessoas freqüentaram as vinte e oito reuniões da cruzada evangélica de um mês, realizadas pelo Dr. Billy Graham em Nova Orleans, Lusiana. Informa-se que 4.923 pessoas fizeram "decisões por Cristo", durante a campanha.

◆ O ESCLARECIMENTO da atitude do judaísmo americano sobre os principais assuntos sociais, morais, éticos e religiosos, foi o propósito de uma assembléia geral de líderes ortodoxos, conservadores, e reformistas judeus, celebrada em Nova York, de 12 a 15 de novembro sob os auspícios do Concílio da Sinagoga da América. A reunião foi o acontecimento máximo da celebração do tricentenário judaico-americano. O tema da reunião foi "Fala a Sinagoga".

◆ O DESCOBRIMENTO na cidade bíblica de Beth-Shearim, de uma sepultura que se crê ser de Judá, o Príncipe, rabino que compilou o código básico da lei oral judaica, chamado Mishnah, foi

anunciado em Jerusalém pelos arqueólogos de Israel. Beth-Shearim (Casa das Portas) está situada a dezesseis quilômetros de Haifa, na estrada de Nazaré. A sepultura foi descoberta durante as escavações dirigidas pelo Dr. Nacham Avigad, que no verão passado encontrou a sua fachada de arcadas triplas e agora desentulhou o seu interior que atinge uns vinte metros no fundamento rochoso da cidade. Inscrições pintadas em cor vermelho-ocre, em suas paredes, indicam que dois filhos de Judá, o Príncipe, os rabinos Simão e Gamaliel, estavam ali sepultados. Em conformidade com as fontes talmúdicas, o rabino Judá e sua academia trabalharam no Mishnah, em Beth-Shearim próximo do fim do segundo século.

Origem dos Ovos de Páscoa

QUEM é que imagina, ao receber de presente um ovo de Páscoa, que deve essa alegria a um imperador romano? De tal maneira complicadas são as relações humanas, de tal modo intrincadas as origens de hábitos transmitidos de gerações a gerações, que ninguém fica sabendo afinal o motivo pelo qual realiza certos hábitos.

Foram os adivinhos daquela época, ao saber que

uma galinha havia pôsto um ovo vermelho, no mesmo dia em que o dono da ave tivera mais um filho, que “profetizaram”: “Isto significa que este menino será imperador dos romanos, que será muito feliz e fará bom governo”.

Isto se passou em 224 A.D., e o menino se chamou Marco Aurélio, e na verdade o imperador-filósofo se revelou justo e bom. Para lisonjear o governante, os romanos criaram o costume de oferecer, uns aos outros, ovos pintados de vermelho, para se felicitem mutuamente.

Entretanto, muito mais profundo é o significado que os cristãos emprestam a esse costume. Havendo adotado o hábito de oferecer ovos nessa época, fazem-no como símbolo da ressurreição de Cristo, santificando assim um uso pagão.

As lendas e histórias sobre coelhos vieram muito mais tarde, e não têm o menor sentido cristão. Nada significam.

Hoje, do sentido profundo que se dava na cristandade ao ovo de Páscoa, pouco resta. Em geral, o que existe é a alegria pela aparição do alimento que é o ovo, depois de ficarem todos privados dele durante a quaresma. Este foi o sentido emprestado aos ovos da Páscoa durante toda a Idade Média.

No século XIII, em Paris, os padres das igrejas, os estudantes da Universidade, os moços dos diferentes bairros se reuniram em praça pública e formaram uma espécie de cortejo, precedido de bandeiras, trombetas e tambores. Iam então ao átrio das igrejas onde cantavam uma parte do ofício chamado “laudes”; depois se espalhavam pelas ruas, onde faziam o peditório dos ovos de Páscoa.

Enviavam-se ovos entre parentes, amigos e vizinhos; pintavam-se esses ovos de vermelho, azul, de várias cores ao mesmo tempo, e eram dados às crianças e aos criados: de então vem a expressão “dar ovos de Páscoa”.

No decorrer dos dois últimos séculos, levavam à saída da missa, no dia desta solenidade, cestas de ovos dourados à tribuna do rei, que os distribuía em seguida à assistência. Esses ovos não eram apenas dourados, mas com frequência adornados de pinturas que faziam deles verdadeiras obras de arte.

Dois pintores célebres: Lacroix e Watteau não se desdenharam de pintar ovos de Páscoa. São conservados entre as curiosidades da Biblioteca de Versalhes os dois ovos oferecidos a Mme. Vitória de França, filha de Luiz XV.

Nalgumas províncias da Bélgica, os rapazes recebiam de suas noivas um ramalhete de flores, mas deviam dar-lhes em troca ovos de Páscoa, que eram em geral acompanhados de frases poéticas e sentimentais, como as que acompanham os nossos cartões e bombons, no dia do Ano Novo.



A Discutida Autoria da “Imitação de Cristo”

DURANTE mais que um século subsistiram dúvidas acerca do verdadeiro autor do admirável livro que é a *Imitação de Cristo*. Tomás de Kempis foi o primeiro a quem se atribuiu; João Gerson passou muito tempo em França, por seu autor; porém, segundo argumentos positivos nenhum destes é o seu autor. O monge beneditino João Gersen de Canabaso, abade do mosteiro de Vercelles, no Piemonte, é o seu verdadeiro autor, como veio a descobrir-se por um manuscrito achado na Itália, no fim do qual se diz que o abade João Gersen escreveu este livro para edificação de seus religiosos. Por não ser o nome de Gersen assás conhecido e se parecer gráficamente com Gerson, assentaram os livreiros que era êrro, e atribuíram a sua autoria àquele sábio que então tinha muita nomeada, sem atenderem a que o autor diz positivamente, ser monge ou religioso e que o escrevera para os que seguem vida cenobítica, o que nunca fez João Gerson, cancelário da Universidade de Paris. Tomás de Kempis não fez mais do que copiar por sua mão o livro *Imitação de Cristo*, e daqui nasceu o dizer-se que fora êle o seu autor.

Apesar de isto estar averiguado, há mais que cem anos, ainda se regista nos dicionários históricos o nome de Tomás Kempis como autor de *Imitação de Cristo*.

A Vida Mais que a Morte, nos Oculta as Grandes Realidades

“Porque estou certo de que, nem a morte, nem a vida, nem os anjos, nem os principados, nem as potestades, nem o presente, nem o porvir, nem a altura, nem a profundidade, nem alguma outra criatura nos poderá separar do amor de Deus, que está em Cristo Jesus nosso Senhor”. (Rom. 8:38 e 39.)

SE nos fôsse perguntado qual das duas, a vida ou a morte destrói mais eficazmente nossas relações com nossos semelhantes e Deus, e tem maior capacidade de malograr nosso amor ao próximo, sem dúvida indicariamos a morte.

Não obstante, no processo da vida, amiúde pre-

judicamos nosso amor e nossa amizade para com os demais. Às vèzes nunca tornamos a falar-lhes.

Neste caso é pior do que se a morte houvesse interrompido esse amor e essa amizade.

Parece-nos que estamos ocupados demais durante a vida. Sim, julgamos estar demasiado ocupados para desenvolver a fé. Deixamo-nos absorver demais pelo dinheiro e pelos interesses mundanos. Rara vez nos damos conta de que, para separar-nos de Deus, tem a vida mais poder do que a morte.

Somos o fruto do amor divino; porque se nos não amasse, para que nos haveria criado? Aquêles a quem ama, ama-os para sempre. Então, por que temer a morte? Paulo estava certo de que “nem a morte, nem a vida” nos poderá separar do amor de Deus.” — Lester Gatch.